



Os pressupostos de Deleuze na trama da arte de conceituar

Sérgio Naghettini

Universidade de Uberaba – Uniube, Brasil

Valeska Guimarães Rezende da Cunha

Universidade de Uberaba – Uniube, Brasil

RESUMO

A partir da obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, intitulada "O que é a filosofia", propõe-se neste artigo fazer uma reflexão e uma descrição minuciosa na procura de desvendar os pressupostos de Deleuze na trama da arte de conceituar. A partir desses filósofos é possível ter uma atitude diante do pensamento filosófico, problematizar sobre o campo filosófico que nos permeia. Este artigo tem uma abordagem de estudos de natureza bibliográfica, auxiliada pela obra em destaque, bem como de outros autores que se propuseram a fomentar a discussão em torno de tal questão. A Filosofia é um movimento intelectual do pensamento humano, estabelecendo reflexões e arte de conceituar nos pressupostos de Deleuze, e de sabedoria segundo os clássicos filósofos gregos. Entretanto, as inquietações de enveredar no campo filosófico são complexas, mas refletir faz parte do campo filosófico.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Arte de conceituar. Campo Filosófico.

DELEUZE'S ASSUMPTIONS IN THE PLOT OF THE ART OF CONCEPTUALIZING

ABSTRACT

Based on the work of by Gilles Deleuze and Félix Guattari, entitled "What is philosophy?", is proposed in this article in such a way as to make a reflection, a detailed description in an attempt to know Deleuze's assumptions in the art of conceptualizing. Based on these philosophers, it is possible to have an attitude towards philosophical thought and to problematize the philosophical field that permeates us. This article has an approach to studies of a bibliographic nature, aided by the highlighted work, as well as by other authors who proposed to foster discussion around this issue. Philosophy is an intellectual movement of human thought, establishing reflections and the art of conceptualizing the assumptions of Deleuze, and wisdom according to the classic Greek philosophers. However, the concerns of embarking on the philosophical field are complex, but reflecting is part of the philosophical field.

KEY WORDS: Philosophy. Art of conceptualizing. Philosophical field.

LOS SUPUESTOS DE DELEUZE EN EL MARCO DEL ARTE DE CONCEPTUALIZAR

RESUMEN

A partir de la obra de Gilles Deleuze y Félix Guattari titulada “Qué es la filosofía”, se propone en este artículo a manera de reflexión, una descripción minuciosa en la indagación sobre los supuestos de Deleuze en el marco del arte de conceptualizar. A partir de estos filósofos es posible tener una actitud frente al pensamiento filosófico para problematizar el campo filosófico que nos permea. Este artículo tiene un abordaje de naturaleza bibliográfica, basada en la obra citada, así como en otros autores que se propusieron desarrollar una reflexión en torno a este tema. La filosofía es un movimiento intelectual del pensamiento humano, que establece reflexiones mediante el arte de conceptualizar según los supuestos de Deleuze, y de la sabiduría según los filósofos clásicos griegos. Sin embargo, los retos de adentrarse en el terreno filosófico son complejos, pero reflexionar es parte del campo filosófico.

PALABRAS-CLAVE: Filosofía; Arte de conceptualizar; Campo filosófico.

1 INTRODUÇÃO

Algumas questões permeiam todas as ciências entre os pensadores, e na filosofia não seria diferente das outras ciências. A Filosofia é um movimento intelectual do pensamento humano, sempre estabelecendo as perguntas ditas primordiais: “O que é?”, “Como é?”, “Por que é?” “Para que é?” Perguntas essas que permeiam todo campo da filosofia até os dias atuais.

Entretanto, no decorrer do tempo, essas perguntas foram sendo desgastadas, desiludidas pelos pensadores e a filosofia advém sendo colocada em xeque diante de outras ciências, entrando num processo de desencanto ou talvez até mesmo vulgarização pelos próprios estudos nas academias ou em outros campos de pesquisas, sendo questionável por alguns pensadores filosóficos modernos, e por último pelos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari.

O artigo propõe levantar algumas considerações sobre os pressupostos de Deleuze na trama da arte de conceituar. A metodologia utilizada é pesquisa bibliográfica a partir de algumas obras como: O que é a filosofia (2010) e textos de alguns comentaristas correlacionados ao livro. A investigação é de caráter estritamente teórico, utilizando referenciais bibliográficos para o levantamento das informações necessárias a fim de atender aos objetivos do estudo, que é caracterizado como uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico.

Na obra “O que é a filosofia?” (2010), numa questão eloquente, Gilles Deleuze e Félix Guattari trazem uma proposição filosófica da construção conceitual, na arte de criar conceitos.

O pensamento desenvolvido por esses pensadores franceses propôs uma nova perspectiva na filosofia, como sendo chamada “arte de criar conceitos”, opondo assim a filosofia clássica que pensa e reflete a partir dos pressupostos e postulados. Nesse entendimento, Deleuze e Gattari propõem desvendar a filosofia na perspectiva conceitual por meio de suas várias obras com pensamentos marcantes na história da filosofia.

Nessa perspectiva, a filosofia deleuziana busca o entendimento, a movimentação e a constante criação de novos conceitos, sempre questionando e problematizando o que advém do senso comum, da opinião, da tradição e da religião.

Eles mobilizam o leitor a pensar: quais são pressupostos que fundam este conceito por Deleuze e Guattari na arte de criar conceitos.

Neste artigo será abordada a crítica deleuziana à filosofia clássica, e a concepção da filosofia de Deleuze bem como o que é um conceito para este filósofo e por fim os pressupostos da filosofia e da arte. A leitura básica é o livro “O que é filosofia?” (DELEUZE; GUATTARI, 2010) e os comentários do professor Jorge Vasconcelos, em seu artigo “A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia” (2005).

2 CONCEPÇÃO DO CONCEITO NA FILOSOFIA DE DELEUZE

O filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995) numa amizade com o psicanalista Félix Guattari, desde 1969, em Paris, escreveu a obra conjunta “O que é a Filosofia?” no ano de 1991, publicada quatro anos antes de sua morte. Segundo Deleuze, essa obra foi escrita tardiamente.

A morte de Gilles Deleuze, em 1995, na história da filosofia contemporânea, inicia-se com sua primeira publicação do seu livro intitulado “Hume, sua vida e sua obra”, em 1952; e a havia praticamente concluído com a última publicação de “O que é a Filosofia ?” criada em 1991. Esta segunda obra, escrita em dois capítulos distribuídos em pouco mais de duzentos e cinquenta páginas, traz uma discussão autêntica e heterogênea e estabelece uma preocupação em propor um outro sentido para a filosofia e, conseqüentemente, na arte de conceituar.

Partindo da noção da filosofia clássica de Platão, Aristóteles e outros filósofos clássicos que pensam e refletem a partir dos pressupostos e postulados filosóficos, Deleuze, em oposição, escreve a obra “O que é a filosofia?” (2010) em que propõe a noção de filosofia como criação de conceitos.

Nessa linha de pensamento, Vasconcelos (2005, p. 1218) comenta:

Defendo a hipótese de que a filosofia de Gilles Deleuze é um permanente diálogo e uma conjugação entre o filosófico e o não-filosófico, e a não-filosofia desempenha um papel preponderante em seu pensamento, não apenas com relação ao estilo de sua escrita, mas fundamentalmente de modo problemático. Isso significa que a não-filosofia é utilizada como linha de fuga em face das armadilhas impostas pela representação clássica. Neste sentido, mesmo quando Deleuze privilegia em seus textos encontros com filósofos consagrados, estes, por sua vez, sempre se encontram em uma certa zona cinzenta do cânone.

Deleuze na introdução deste livro, traz à tona a questão que sempre teve vontade de fazer filosofia, apesar de ser tardiamente numa bibliografia pequena, mesmo na velhice traz para ele uma soberana liberdade na combinação de pensamento, e o fez por exercício de estilo e com propriedade. Ao se retratar-se tardiamente na velhice, confirma, assim, o que foi escrito no começo de sua obra:

Talvez só possamos colocar a questão “O que é a Filosofia?” tardiamente, quando chega a velhice, e a hora de falar concretamente. De fato, a bibliografia é muito magra. Esta é uma questão que enfrentamos numa agitação discreta, à meia-noite, quando nada mais resta a perguntar. Antigamente nós a formulávamos, não deixávamos de formulá-la, mas de maneira muito indireta ou oblíqua, demasiadamente artificial, abstrata demais; expúnhamos a questão, mas dominando-a pela rama, sem deixar-nos engolir por ela. Não estávamos suficientemente sóbrios. Tínhamos muita vontade de fazer Filosofia, não nos perguntávamos o que ela era salvo por exercício de estilo; não tínhamos atingido este ponto de não-estilo em que se pode dizer enfim: mas o que é isso que fiz toda a minha vida? Há casos em que a velhice dá, não uma eterna juventude, mas, ao contrário, uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, e em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um traço que atravesse as Eras [...] (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 7).

Para eles a resposta a esta indagação, é de que a filosofia é arte de criar conceitos, e que esses conceitos necessitam de personagens conceituais para assim contribuir para sua definição. Para retratação dos personagens conceituais, o trabalho filosófico parte inicialmente de alguns amparos pelo do historiador da filosofia, apesar de ser curto, são iluminadas as análises da instituição da filosofia nas obras de Platão, Descartes, Kant, e outros clássicos.

Os personagens conceituais iluminados correspondem ao amparo às alegorias das obras dos clássicos dos filósofos que se propõe na elucidação dos conceitos, iluminem o ato do pensamento filosófico.

A filosofia é um ato de pensamento, de amizade e amor pela sabedoria, segundo os clássicos filósofos gregos, e o filósofo é o amigo da sabedoria, diante disso decretando a sua própria morte, pois o filósofo é o amigo da sabedoria e este não tem sua posse. A sabedoria é produto transmitido, não se obtém concretamente. Nesta questão, Deleuze declara que o amigo que aparece na filosofia grega é um personagem extrínseca, mas para ele, o filósofo é aquele que produz e para isso ele precisa do personagem conceitual como presença intrínseca ao pensamento.

Nesta análise, percebe-se que os autores colocam sua concepção de filosofia distinta daquela proposta pelos filósofos gregos, no qual a filosofia como sendo “a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.8). Neste aspecto, os

filósofos franceses apresentam uma nova perspectiva de filosofia em sua obra “O que é a filosofia?”.

De acordo com a perspectiva desses filósofos franceses, a filosofia é colocada como uma arte, a arte de criar conceitos, como uma atividade criadora, criadora de conceitos, como descrevem:

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é mais uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11).

O caráter de seu discurso radicalmente imanente de Deleuze, a filosofia é a disciplina que consiste em criar conceitos, então é necessário compreender que “Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou, antes, criados e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11).

Assim, segundo os autores, a função da filosofia é criar conceitos novos, e a competência do filósofo se manifesta por uma criação de conceitos, e por ser bom em conceitos e conceituação, é ele que sabe quais conceitos são propositáveis, viáveis e consistentes. Os conceitos irão discernir sobre tema em questão a ser tratado pelo filósofo.

Essa peculiar maneira de filosofar no trabalho de Gilles Deleuze a favor da imanência, isto é, a qualidade do que pertence à essência de algo, à sua interioridade, indiferente ou sem dar lugar nem entrada à temática da transcendência, é demonstrada na sua obra filosófica.

Entretanto, “as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11), sendo a artes e a ciências também criadoras de conceitos. Mas se as ciências, as artes e as filosofias são criadoras de conceitos, o que se distinguem entre elas? Distinguem a partir que a ciência opera por funções e proposições nos sistemas discursivos; a arte por sensações e a filosofia é acontecimento enquanto devir.

Diante disso, a filosofia vai além dos conceitos dos filósofos ao longo do tempo na tradição para somente reproduzi-las, mas com essa ressonância de tradição, propõe a cria-los conceitos do pensamento. A filosofia como atividade criadora opõe-se a contemplação, a reflexão e a comunicação, e Deleuze explica por quê:

Ela não é contemplação, pois as contemplações são as coisas elas mesmas enquanto vistas na criação de seus próprios conceitos. Ela não é reflexão, porque ninguém precisa de filosofia para refletir sobre o que quer que seja: [...]. E a filosofia não encontra nenhum refúgio último na comunicação, que

não trabalha em potência a não ser de opiniões, [12] para criar o “consenso” e não o conceito (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 12)

Segundo os autores, a contemplação, a reflexão e a comunicação não criam conceitos, mas sim são “máquinas de construir Universais em todas as disciplinas” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13) e os universais, como princípio filosófico, sempre necessitam de explicações, essas explicações advém do pensamento do filósofo.

Diante disso, o filósofo tem atividade de criar conceitos que se valem a partir de suas palavras que advém dos pensamentos, podendo usar palavras comuns, usuais e fluentes.

O conceito apreciado por Deleuze e Guattari não se inscreve nas determinações conceituais filosóficas, e não é uma tarefa fácil conectá-lo numa única definição. Por assim dizer, consideramos o que nos aponta Deleuze; Guattari (2010, p. 13):

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos [...]. Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. Nietzsche determinou a tarefa da filosofia quando escreveu: os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utiliza-los.

Neste contexto da filosofia deleuzeana e guattariana, o conceito não se constitui como forma, não é algo que se possa caracterizar, ou pressuposto radicalmente, ou tomado com determinismos como sendo isso e aquilo conceitualmente. Também não são produtos de experiências de categorias de análises ou outros meios redundantes para se conceituar. O conceito de algo advém do próprio ato filósofo de conceitua-lo. Nesse sentido, reafirma: “O conceito é ato de criação”(1980, p. 4), não é fonte única, tem amplitude sem limites pra onde caminha (re)laborações. Os conceitos não aceitam pontos comuns e conclusivos e sim na composição.

É nessa condição de criar conceitos que o filósofo se vê na necessidade do uso das palavras, bem como o de sua escolha. E esse proceder violento do gosto filosófico solicitado pela assinatura do conceito, que ele se depara com a filosofia menor que é constituída da filosofia maior, ou como afirma Deleuze (2010, p. 14), o violento gosto filosófico “constitui na língua uma língua da filosofia, não só um vocabulário, mas uma sintaxe que atinge o sublime ou uma grande beleza”.

Deleuze e Guattari (2010, p. 15) reafirmaram que: “Se há um lugar e tempo para a

criação dos conceitos, essa operação de criação sempre se chamará Filosofia, ou não se distinguirá da Filosofia, mesmo se lhe for dado um outro nome”. Diante disso, reafirmam que a Filosofia se dará na criação de conceitos necessários para sua estabilização.

Diante disso, conceito, que, reitera-se que o conceito não é dado como forma, ou algo que se possa tomar como forma, ou algo engessado como verdadeiro ou falso, e nem aparece ou desaparece quando se faz necessário ou quando melhor lhe convier. O conceito é criado a partir de um problema, reafirma filósofo francês “mas, mesmo na filosofia, não se cria conceitos, a não ser em função dos problemas [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.27). Diante disso, os conceitos criados a partir destes problemas, são planos constitutivos da filosofia deleuziana e guattariana.

Por assim dizer, os conceitos são criações necessárias que podem inventar e reinventar a todo momento na vida, sempre que o ato de criação solicitar, e o filósofo é o artesão desse pensamento, em articular as reflexões flutuantes do pensamento, articula como empregar o conceito diante do problema.

Vasconcelos (2005, p. 1219) corrobora essa ideia:

Não há possibilidade de fazer filosofia, deleuzianamente falando, sem investirem um duplo campo: a constituição dos problemas e a criação dos conceitos que daí advém, como também, para pintar o retrato do filósofo, isto é, fazer história da filosofia, faz-se necessário revelar o problema e clarificar os conceitos.

As situações ocasionados por problemas acionam o conceito, e não ao contrário, e depende do fazer filosófico e tanto quanto da história da filosofia. O conceito não é absoluto em si, verdadeiro, mas relevante diante do problema, numa multiplicidade de criá-lo e recriá-lo diante das mudanças dos problemas.

No pensamento de Deleuze e Guattari, a filosofia se coloca na arte de criar conceitos nesta encruzilhada de problemas ou conjunto desses, mas não é absoluto, único e verdadeiro. Desta forma, a consistência do conceito filosófico não aciona solidez, afirmação ou exatidão, por vez deixa-se prender pelo movimento, ao mesmo tempo em que é operada por este.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia é uma forma de aprender a pensar e refletir sobre algumas questões que permeiam o homem, e com o francês filósofo Deleuze marca uma nova era na filosofia, a arte de conceituar.

A arte de conceituar pela filosofia traz um novo marco e propõe novos olhares diante dessa ciência. O pensar filosófico e o fazer filosofia na compreensão de Deleuze e Guattari não tem ponto de partida estabelecido, pois se configura no movimento fluxo do próprio pensamento. Diante dessa questão que denota que o problema surge para a arte de conceituá-lo.

Os filósofos Deleuze e Guattari expuseram, desde o início da obra “O que é a Filosofia” (2006), um novo patamar que vai além da atividade pura e simples da reflexão e contemplação do pensamento, e dispõem a criação de conceitos atrelados à colocação de problemas.

Seguindo a reflexão de Vasconcelos (2005, p. 2018), o mais importante para Deleuze é afirmar que ciência e filosofia são “modos de pensar”, são expressões do pensamento, ou seja, tornar possível o pensamento. O filósofo não quer privilegiar a filosofia ou a ciência e a arte (que seriam a não-filosofia). O comentador de Deleuze e Gattari comenta, ainda, que, “Não há possibilidade de fazer filosofia, deleuzianamente falando, sem investir em um duplo campo: a constituição dos problemas e a criação dos conceitos que daí advêm” (p. 1219).

É ainda o professor Vasconcelos (2005, p. 1226) que faz uma clara distinção sobre qual é o papel da filosofia em Deleuze, comparando-a com a tarefa do cineasta e do matemático:

Assim como os cineastas não precisam dos filósofos para refletir sobre o cinema, eles mesmos devem fazê-lo, um matemático não precisa de ninguém para pensar por ele o que é a matemática. A tarefa da filosofia tampouco é a contemplação do mundo ou das ideias, menos ainda a contemplação do mundo das ideias; além de não se prestar à informação ou à comunicação. A tarefa da filosofia é, antes de mais nada, criar conceitos. O filósofo é inventor de conceitos.

Do mesmo modo, o tradutor da obra analisada neste artigo, Bento Prado Júnior (2006, p.2), comenta: “o que este livro nos oferece é a compreensão do que há de vertiginoso na filosofia, mas também, e seguindo o mesmo movimento de pensamento, do que há de vertiginoso na ciência e na arte.” Os filósofos buscam a construção de novos conceitos empregados na possibilidade de apreensão e compreensão da filosofia, diferentemente do histórico constituído do platonismo e representação. Entretanto, as inquietações de quem quer enveredar no campo filosófico são complexas, mas refletir o pensamento faz parte do campo filosófico.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

VASCONCELOS J. A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia. Campinas, SP, *Educação & Sociedade*. Campinas, SP, v. 26, n. 93, p. 1217-1227, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vxm4Hnh5fhhbMFjpTLLqRbZN/?format=pdf&lang=PT>
Acesso em: 17 ago. 2021.

SOBRE OS AUTORES

Sérgio Naghettini é Doutorando em Educação (Uniube); Mestre em Artes (UFU); membro do Grupo de Estudos da Rede de Pesquisadores sobre Professores(as) do Centro-Oeste - UFG/Uniube; professor efetivo de Geografia e Arte da rede educação da Prefeitura Municipal de Uberlândia, MG, Brasil.

Email: sergionaghettini@yahoo.com.br

ORCID: 0000-0003-3261-6291

Valeska Guimarães Rezende da Cunha é Doutora em Educação e Mestre em Linguística (UFU); membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Representações Sociais, da Rede Internacional de pesquisas sobre Desenvolvimento profissional, da Rede de Estudos sobre Educação; Professora do Programa de Pós-graduação em Educação (Uniube), Uberaba, MG, Brasil.

E-mail: valeska.guimaraes@gmail.com

ORCID: 0000-0001-9266-9876

*Recebido em 15 de abril de 2022.
Aprovado em 28 de julho de 2022.
Publicado em 05 de setembro de 2022.*